

JOSEPH FADELLE

O PREÇO A PAGAR

POR ME TORNAR CRISTÃO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fadelle, Joseph

O preço a pagar : por me tornar cristão / Joseph Fadelle ; tradução Paulinas Editora, Prior Velho, Portugal. – São Paulo : Paulinas, 2013. – (Coleção superação)

Título original: *Le prix à payer*.
ISBN 978-85-356-3623-9

1. Convertidos - Igreja Católica - 1900 - Narrativas pessoais
2. Convertidos - Biografia I. Título. II. Série.

13-08828

CDD-248.2460924

Índice para catálogo sistemático:

1. Convertidos : Biografia : Cristianismo 248.2460924

Título original da obra: *Le prix à payer*
© 2011, Éditions de L'Euve, França.

1ª edição – 2013

1ª reimpressão – 2014

Direção-geral: *Bernadete Boff*
Editora responsável: *Andréia Schweitzer*
Tradução: © 2011, Paulinas Editora
Prior Velho, Portugal
Copidesque: *Ana Cecília Mari*
Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*
Revisão: *Sandra Sinzato*
Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*
Projeto gráfico: *Manuel Rebelato Miramontes*
Capa e diagramação: *Jéssica Diniz Souza*
Imagem de capa: © *Daniel Thornberg - Fotolia.com*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500
<http://www.paulinas.org.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2013

Quem nos separará do amor de Cristo? Tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, espada? Pois está escrito: “Por tua causa somos entregues à morte, o dia todo; fomos tidos como ovelhas destinadas ao matadouro”. Mas, em tudo isso, somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou. Tenho certeza de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potências, nem a altura, nem a profundidade, nem outra criatura qualquer será capaz de nos separar do amor de Deus, que está no Cristo Jesus, nosso Senhor.

Romanos 8,35-39

Amã, 22 de dezembro de 2000

– A sua doença é Cristo, e não há remédio para ela. Nunca conseguirá se curar...

O meu tio Karim tira um revólver e o aponta para meu peito; nem consigo respirar. Atrás dele, quatro dos meus irmãos desafiavam-me com o olhar. Estamos sós nesse vale desértico.

Ainda agora não acredito no que aconteceu. Não! Não quero acreditar que membros da minha própria família – até mesmo meu tio, a quem no passado ajudei – possam ter realmente a intenção de me matar. Como puderam chegar a odiar-me tanto, a mim, que sou sangue do seu sangue, a mim que, quando menino, brinquei com eles e mamei do mesmo leite? Não compreendo...

Como também não compreendo que seja justamente Karim, o meu querido tio, quem agora me ameaça. Ele, a quem muitas vezes livre de apuros perante a intransigência do meu pai, o chefe do clã familiar...

Por quê? Por que é que minha família não pode simplesmente aceitar a minha nova vida? Por que razão querem a todo custo que eu volte a ser um deles?

Pouco a pouco, começo a compreender, com pavor, que estão dispostos a tudo para me recuperar, a mim que sou o herdeiro da tribo Mussaui, o preferido. Recordo o início desta cena incrível:

– O seu pai está doente – começou a dizer Karim – e insiste que você regresse. Encarregou-me de lhe dizer que deseja esquecer o passado, tudo o que aconteceu...

Meus irmãos não se pouparam a falar das promessas do meu pai; bastaria um sim da minha parte e teria tudo de volta: casa, carros, dinheiro... Em compensação, eu teria que esquecer o mal que me fizeram.

Mas como esquecer... Não se trata somente de esquecer! Trata-se da minha fé:

– Não posso regressar ao Iraque, sou batizado.

– Batizado? Mas o que é isso?...

Tornei-me cristão, a minha vida mudou. Já não posso voltar atrás. Já não me chamo Mohammed. De agora em diante, o meu antigo nome não vale nada. Mas percebo muito bem que não compreendem nada do que lhes digo. Pensam que tudo pode resolver-se, facilmente, com dinheiro... Tudo depende da importância, da soma

monetária que prometem. Mas todas as suas tentativas esbarram contra uma parede: recuso-me a voltar a ser muçulmano. Para eles, eu sou um apóstata.

Faz três horas que estamos discutindo à beira desta estrada desértica. Não avançamos nem um passo, cada um mantém-se exatamente na mesma posição. E fico nervosamente vazio diante das questões que surgem de todos os lados.

Repentinamente, o tom sobe. A agressividade torna-se palpável, ameaçadora:

– Se não quiser vir conosco, nós o mataremos. Mas não se preocupe, o seu corpo será repatriado. E aqui, sua mulher e seus filhos morreriam de fome... Por isso, irão também regressar ao nosso país.

Por momentos, esqueço-me da situação angustiante que estou vivendo, para esboçar um vago sorriso interior, velado de tristeza: como é que este xiita iraquiano poderia sequer imaginar que uma mulher árabe poderia desembaraçar-se e ganhar a vida com as próprias mãos, sem a ajuda de um homem?

Entretanto, o olhar do meu tio Karim tornou-se furioso e os seus traços faciais endureceram-se.

– Fizeram uma lavagem cerebral em você – constatada friamente.

Sinto que também ele chegou ao limite e já não quer discutir. Este mal só é curado com um remédio radical, com a lei islâmica, a charia.

– Conhece a nossa lei, sabe que há uma *fatwa** contra você. Essa fatwa exige que você seja morto, se não voltar a ser um bom muçulmano, como nós, como antes!

Sinto náuseas. O meu estômago embrulha-se ainda mais. Sei o que vem por aí. Ao lembrar este decreto de morte, Karim obriga-se a ir até ao fim, sob pena de passar por descrente ou, pior, um renegado. É-me retirada a minha tábua de salvação. Diante do inelutável, explodo:

– Se quer me matar, me mate! Você veio com armas, com a força, mas eu gostaria de falar a você com a razão. Leia o Alcorão e também o Evangelho, depois, poderá discutir... Seja como for, não creio que tenha realmente coragem de disparar contra mim!

Acossado pela cólera e pelo medo, falei demasiado depressa. Que teria eu a ganhar com esta provocação, semelhante à coragem de um condenado à morte que, pela última vez, desafia o pelotão de execução? Talvez tenha acreditado que, sendo estrangeiros neste país, eles não ousariam alertar as circunvizinhanças com o barulho, arriscando-se a ser presos.

A detonação é ensurdecadora e repercute-se até o infinito pelo vale... Que milagre terá feito com que

* Pronunciamento legal no Islão emitido por um especialista em lei religiosa, sobre um assunto específico. (N.E.)

Karim não me tenha atingido? No fundo de mim, ouço como que uma voz feminina que me sussurra: “*Ehroub – Foge!*”. Nesse momento, não procuro explicação para esse estranho fenômeno, rodo sobre os calcanhares e ponho-me a correr em disparada.

Durante a minha corrida, ouço as balas assobiam à minha volta. Há, com certeza, várias pessoas apontando para mim, disparando para me matar, a julgar pela trajetória das balas, que passam raspando por mim. Os segundos parecem-me séculos, até que consigo me afastar o suficiente para já não ouvir suas vozes.

Como estou ainda disposto a correr, a pensar no último minuto que me resta para viver, não sinto a dor provocada pela bala. Apenas sinto que o meu pé salta no ar, como que impelido por uma força incrível. Quando tomo consciência do que está acontecendo, já estou no chão, na lama, com a sensação de um líquido quente me escorrendo pela perna. Mas, como estou totalmente molhado, sou incapaz de distinguir se é sangue ou lama. As armas calaram-se, certamente por me verem cair. Depois, desmaio.